

# ÉTICA X PRECONCEITO: UM DESAFIO PARA PROFISSIONAIS NO ÂMBITO DO LAZER<sup>1</sup>

## ETHICS VS. PREJUDICE: A CHALLENGE FOR PROFESSIONALS IN LEISURE AREA

Renata Laudares Silva<sup>\*</sup>  
Gisele Maria Schwartz<sup>\*\*</sup>

---

### RESUMO

Este estudo qualitativo investigou a percepção do preconceito sobre o lesbianismo durante as atividades de lazer, os motivos para as homossexuais não tornarem pública a orientação sexual e o papel do profissional do lazer como disseminador de posturas éticas, no processo de inclusão nas atividades de lazer. Em entrevista via Internet, aplicada a uma amostra de 70 lésbicas, os dados analisados apontam a existência de preconceito, o medo da perda de *status* social e familiar, além da fundamental participação do profissional na mudança de valores no processo de inclusão.

**Palavras-chave:** ética, preconceito, homossexualidade, lazer.

---

### INTRODUÇÃO

Este trabalho procura investigar os parâmetros relacionados à percepção de preconceito sobre o lesbianismo durante a vivência de atividades no âmbito do lazer, os motivos pelos quais as lésbicas não tornam pública a orientação sexual, bem como refletir sobre o papel do profissional envolvido com a vivência do lazer, no tocante à sua atuação como disseminador de posturas éticas, no que tange ao processo de inclusão nas atividades de lazer, que envolvem passagens de valores e atitudes.

Os conceitos de lazer, que não são poucos, são evidenciados nas mais diversas áreas do conhecimento. Muitos dos valores relacionados ao lazer, na época da “Ideologia do Trabalho” e pela “Ética Cristã”, ganharam conotação negativa, tais como “ociosidade”, “não sério”, “perda de tempo”.

Mas, estes valores adquiriram outro sentido neste início de segundo milênio, assumindo características que denotam seus aspectos positivos, visto que este assumiu papel importante na melhoria na qualidade de vida de

homens, mulheres, crianças, quer seja negro/branco, gay/lésbica, rico/pobre, em seus diferentes credos, crenças.

Um dos fatores que podem vir a comprovar essa mudança de valores, essa importância do lazer, é representado pelo crescente número de publicações, estudos, grupos de pesquisas, encontros acadêmico-científicos e congressos, que enfatizam o lazer como ponte de ligação entre as mais diversas áreas do conhecimento, por exemplo, lazer/turismo; lazer/ecologia; lazer/educação física entre outras.

Esta valorização e reconhecimento da importância do lazer, no que se refere ao aprimoramento de uma vida com mais qualidade, é garantido, inclusive como direito, direito constitucional à dignidade humana (BRASIL, 1988). Nesse sentido, o profissional do lazer tem um compromisso enquanto disseminador de posturas éticas, valorizando e respeitando a cidadania e a liberdade de cada ser humano e colaborando para mudanças de atitudes referentes às questões que envolvem a orientação sexual nesse contexto.

---

<sup>1</sup> Parte dos dados apresentados fizeram parte de um projeto financiado pela Fapesp, com Bolsa de Iniciação Científica.

<sup>\*</sup> Graduada em Educação Física e Membro do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/I.B. Unesp – Rio Claro.

<sup>\*\*</sup> Professora Doutora, coordenadora do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/I.B. Unesp – Rio Claro.

Numa tentativa de relacionar lazer, ética e o compromisso do profissional com o processo de inclusão, fica nítida a possibilidade que advém do lazer de ser uma prática social que possui a capacidade de incluir homens e mulheres de diferentes faixas etárias, credos e etnias, com diferentes interesses e necessidades.

Para Demo (1995), a transformação mais esperada para este início de segundo milênio é um tipo de cidadania e de ética que sejam capazes de colocar o mercado a serviço dos direitos humanos, o que significa, transpor o capitalismo e, naturalmente, reavaliar o trabalho e o lazer.

Torna-se necessário, segundo Kuenzer (1999), sob todos os ângulos, acabar com o processo da exclusão, característica de países periféricos como é o caso do nosso, por meio da educação.

A educação, para Oliveira (2000), deveria plantar em cada um de nós, através da ética, a consciência e a percepção enquanto seres humanos e, principalmente, a questão do respeito pelo outro, deixando de lado as diferenças.

Segundo Marcellino (1995, p. 20), a demanda que hoje existe para a formação de um profissional capacitado para atuar no lazer, exige deste um conhecimento não mais superficial, mas com domínio de sua especificidade acerca da totalidade. Este teria sua ação como “[...] geradora de novas competências, estimuladora da participação e do exercício da cidadania [...] engajada em equipes pluri e multidisciplinares, buscando um trabalho interdisciplinar”.

Fazendo uma análise crítica sobre a formação do profissional no lazer, Werneck (1998) também aponta para a busca de uma formação interdisciplinar no lazer, com responsabilidade e autonomia.

Torna-se necessário repensar na situação do profissional que trabalha com o público, fazendo prioritário, em seu discurso, três importantes elementos que tornam o exercício da profissão digna, que é seriedade, competência e compromisso político.

Como falar de ética e mudanças de valores, se a educação fundamenta valores, padrões e normas totalmente diferentes daqueles os quais a sociedade atual exige. Para falar-se de postura ética, como expõe Kullo (2000), é necessária

uma mudança de estereótipos de comportamento, repensando esses valores carregados de preconceito, para se colocar em prática o processo de inclusão na sociedade.

Cabe ao profissional, vinculado à área de produção e transmissão do saber e do conhecimento, trabalhar no coletivo e aplicar, de maneira séria e compromissada, os valores, para que possa cobrar de outros envolvidos no âmbito do lazer uma atitude correta perante às questões que envolvam mudança de postura.

Não se pode negar que a realidade atual, com seu consumismo/conformismo, produz uma série de obstáculos que dificultam a vivência plena dos direitos humanos, transformando-se em uma sociedade totalmente autoritária e excludente, em que os mais diversos grupos/classes sociais são discriminados e desfavorecidos das condições mínimas de cidadãos. O lazer se coloca como um dos elementos essenciais para a obtenção da cidadania e qualidade de vida, visto que promove o crescimento do ser humano como pessoa e o engloba como membro de uma coletividade.

No âmbito do lazer, tentar discutir o papel da ética e o processo de inclusão nas atividades, envolvendo questões como o preconceito existente nessas atividades em suas mais variadas formas, pode favorecer a construção do conhecimento e possibilitar análises críticas dos valores sociais, contribuindo para o bem-estar da sociedade e minimizando posturas preconceituosas e discriminatórias acerca desses conteúdos.

A sociedade atual, juntamente com a cultura na qual está inserida, não tolera certos comportamentos divergentes e pressiona, de várias maneiras, as pessoas que possuem diferenças, em qualquer nível, seja fisiológico, cognitivo, religioso ou da preferência sexual, alegando que elas são incomuns em relação à moral vigente. Essa sociedade forma juízos que não possuem uma base concreta ou fundamentada em valores reais e seguros, contribuindo, dessa forma, na perpetuação de valores e estigmas. Encontram-se atitudes parecidas com estas, quando se faz referência ao lazer, em que várias atividades acabam por excluir pessoas, segregando-as em minorias.

No ensaio para a conquista dos direitos iguais, esses grupos, conhecidos socialmente como minorias, saem à luta atrás de reconhecimento e legitimação. Os grupos caracterizam-se como minoria devido a diversas razões, mas tendo como característica básica a diferença, quer seja física, sexual, racial, religiosa, social, econômica ou cultural. Até os momentos atuais, vivem sob forte tensão e sofrem sérias agressões, tanto verbalmente quanto fisicamente, estando sempre sujeitos à violência.

Suplicy (1983) expõe que, muitas vezes, é a sociedade que dita as regras de como cada sexo deve se portar e, geralmente, essas regras são de caráter cultural e não biológico, como muitos pensavam, evidenciando, com isso, o papel sexual e as diferenças existentes entre os dois sexos. Tais como se mostram atualmente, na maioria das vezes, essas diferenças são produtos de discriminação de papéis institucionalizados e propostos pela sociedade. Assim, paulatinamente, as pessoas estabelecem conceitos e assumem atitudes, segundo os estereótipos sexuais anunciados pela sociedade.

Muito ainda se tem que refletir para que as concepções sobre a homossexualidade não continuem sendo alvo de preconceito, como até então.

Neste contexto, cabe ao profissional não assumir posturas que, de alguma forma, poderão vir a prejudicar mais esses grupos e até mesmo perpetuar estigmas, como evidencia Goffman (1975), devendo atuar como mediador no processo de inclusão dos grupos minoritários junto à sociedade.

Não é interesse deste estudo o aprofundamento nos conceitos de ética, mas a abordagem ampla e expressiva, sugerindo algumas reflexões sobre seu significado e suas aplicações.

Para Silva (1995) e Beresford (1994), boa parte da sociedade restringe a ética a um conjunto de normas ou a um código de ética, o qual pode decidir as ações humanas consideradas moralmente certas ou erradas. Os autores relatam ainda que o ser humano possui uma consciência ética determinada por uma gama de valores, que firma costumes e deveres do ser humano em determinada época e lugar.

A diversidade da ciência e suas perspectivas múltiplas de progresso sugerem um cumprimento de um código de ética adequado, pois toda a produção de conhecimento sem uma ética consciente pode ser simultaneamente um mal poderoso e um bem alienado.

A ética é a moral reflexa, segundo Sanchez-Vázquez (1975), e se categoriza como sendo a teoria do estudo da moral.

Rodrigues (1994) evidencia ainda que esses conjuntos de valores e princípios direcionam e norteiam as relações humanas. Todavia, isso não quer dizer que as regras/princípios contidos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 bastam para se definir a ética. Torna-se necessário universalizar os direitos da nação, dar a todos uma plenitude em sua cidadania, tornando-a ativa e praticada em seu cotidiano.

A ética tem como foco de atuação os princípios que regem a vida, as razões e os meios para se alcançar justiça e harmonia, conforme explicita Beresford (1994).

Ao fazer referência à questão de gênero, o profissional atuante torna-se um fator importantíssimo, no que tange à passagem de normas, condutas e princípios éticos, fazendo sua clientela, que pode ser representada por crianças, adolescentes, jovens ou adultos, mais receptora, mais tolerante na compreensão das diferenças, sejam elas de origem sexual, racial, de cor, idade ou quaisquer outras formas.

O profissional deve estar sempre atento e preocupado com sua consciência ética, a qual se manifesta na transparência de suas ações morais e, estando ciente disso, estará mais tranquilo perante situações que pedem tomadas de atitudes eficientes.

Um pressuposto básico da ética profissional é o que tende a regulamentar a relação profissional/cliente, contribuindo para a construção da qualidade do bem-estar no contexto sociocultural e favorecendo a dignidade humana.

A importância da ética no âmbito profissional é evidenciada pelas responsabilidades individuais e coletivas referentes às pessoas envolvidas. Um outro ponto que ressalta sua importância é a interligação entre o fazer e o agir, sendo que o fazer se refere à eficiência e à competência necessárias para o profissional exercer

adequadamente sua profissão, enquanto o agir relaciona-se ao conjunto de condutas e atitudes que o profissional deve assumir em seu desempenho.

O preconceito é uma das causas que direciona o profissional a se perder na passagem de valores, devido, muitas vezes, à não-percepção desse sentimento, visto que, no cotidiano, vários estereótipos se fazem presentes de forma imperceptível. Exemplos claros dessa situação são as piadinhas e apelidos costumeiros que abordam assuntos delicados, como o homossexualismo, a questão racial, entre outros. O preconceito e discriminação vividos por essas pessoas impedem-nas de exercitar sua cidadania.

Cabe ao profissional minimizar qualquer ato ou atitude que demonstre sinais de preconceito ou discriminação, pois este transmite valores, seja qual for o tema ou contexto ao qual esteja inserido. Ele necessita ter uma postura profissional ética e consciente no trato de temas, como é o caso da homossexualidade, tanto a masculina como a feminina.

Diversos estudos na área do lazer vêm apontando para a existência do preconceito, inclusive no âmbito profissional, podendo ser evidenciados os estudos de Silva (2001), Silva; Schwartz (2000). Para tanto, faz-se necessário que os mais diversos profissionais assumam responsabilidades éticas e posturas firmes mediante essa problemática, para facilitar a plena vivência da cidadania.

O profissional deve fazer uso de sua sensatez e imparcialidade, para não deixar transparecer ou mesmo transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo os únicos e verdadeiros princípios. Isso não quer dizer que ele deva se manter indiferente ou que não deva opinar sobre questões ligadas ao gênero, mas a consciência sobre esses valores, crenças e opiniões que cultiva em relação à temática em questão é um elemento de muita valia no desenvolvimento de uma postura ética na sua atuação junto à sociedade.

Ele deve possuir prudência, quando envolvido em situações complexas que implicam preconceitos, evitando, dessa maneira, gerar climas de tensão que possam vir a contribuir para maior estigmatização de determinadas minorias, direcionando sua clientela no processo de interação pessoal,

sem estigmatizar ou discriminar por razões, sejam elas quais forem.

Quer seja o professor na escola ou o profissional do lazer, no contexto no qual esteja inserido, pode exercer o papel de mediador dos conhecimentos e valores envolvendo temas, como gênero, preconceito, discriminação, ou das relações e dos conflitos que possam surgir ou estabelecer entre seus alunos ou clientes.

O profissional deve se sensibilizar mediante à rotulação de estereótipos que reproduzem a discriminação, com o intuito de, pelo menos, minimizá-los. Despertar em sua clientela uma reflexão sobre acontecimentos como estes, desenvolvendo neles uma postura aberta perante às diferenças, sejam ligadas a sexo, raça, cultura ou religião, representa o importante desafio de qualquer prática profissional rumo à qualidade das relações humanas.

Esses desafios representam a inquietação geradora desta reflexão.

## MATERIAL E MÉTODOS

### População

A população alvo do estudo descritivo constou de 70 lésbicas, com idades variando entre 18 a 45 anos, sendo maior a participação de estudantes de nível superior, residentes no Estado de São Paulo, selecionadas aleatoriamente entre as participantes de *chat de bate papo* da Universo *on Line (Uol)*, para lésbicas e afins. Elas foram convidadas a participarem da entrevista, após terem assegurado não assumirem publicamente sua homossexualidade.

### Instrumento

Para a realização da coleta dos dados, procedeu-se à aplicação de uma entrevista centrada, conduzida via Internet, composta de perguntas abertas, diretamente relacionadas com o objetivo do estudo.

### Coleta dos dados

Para melhor aproveitar o tempo disponível das entrevistadas, o acesso ao site foi feito à noite, durante três horas diárias, por dois meses. Esse horário foi sugerido pelas próprias interessadas em participar da pesquisa.

A todas, era exposto um resumo dos objetivos da pesquisa, garantindo-se o anonimato e sigilo quanto ao teor dos depoimentos. Foram selecionadas apenas as lésbicas não assumidas e que se propunham a responder com seriedade as questões formuladas.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De posse dos depoimentos das entrevistadas, utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo, a qual, na visão de Richardson (1989), permite observar a incidência dos indicadores qualitativos principais, aprofundando, dessa forma, as tendências dos conteúdos apresentados. Através da utilização dessa técnica, pode-se perceber aspectos bastante significativos da população alvo do estudo, no que tange à aceitação e às formas de assumir a própria sexualidade. Estes foram elementos considerados primordiais no processo de conscientização a respeito da homossexualidade.

Analisando as questões pontuais do estudo, pode-se perceber que os principais motivos que levam as lésbicas a não assumirem publicamente sua orientação sexual são os mais diversos, mas boa parte deles tem algo relacionado com perdas ou medos. Como motivo mais citado, ficou evidenciado o medo de sofrer perdas na carreira profissional, aparecendo em 30,0% das respostas. Esse motivo é bastante relevante em se tratando de uma sociedade que, segundo Pinsky (1993), está engatinhando na tomada de atitude em relação ao preconceito. Realmente, trabalho e homossexualidade é uma relação ainda não compatível aos olhos dos valores vigentes, pois a realidade visualizada pela sociedade e assimilada por órgãos públicos é bastante limitada.

O fato da exclusão por parte da sociedade, como foi apontado por 25,71% das entrevistadas, é algo bastante sério. Segundo Wrightsman; Deaux (1981), existem algumas tendências que envolvem normas, influências morais e pessoais de caráter depreciativo contra indivíduos pertencentes a determinados grupos, geralmente minorias, levando-os a vivenciarem o sentimento de exclusão.

A consideração sobre a família enquanto motivo para não se tornar pública a orientação sexual atingiu um percentual de 21,42% da amostra. Esta foi uma causa bastante citada,

visto que muitos pais, como expõem Rubin; Kirkendall (1968) tendem a se afastar de seus filhos ou a esconderem a situação, justamente no momento mais crucial, devido a comentários que poderiam surgir.

Já outros motivos, como a perda dos amigos, a não independência financeira e o medo dos comentários, refletem o quanto esses fatos podem influenciar na tomada de atitude, evidenciando um despreparo psicológico para assumir publicamente a situação.

Quanto à questão do desconforto na presença de manifestações homossexuais públicas, a maior parte da população analisada, 34,28%, relatou perceber esse sentimento, alegando que existem locais próprios para isto. Pode-se verificar o preconceito aí embutido, visto que, pelo fato de elas serem também lésbicas, não justifica terem esse desconforto. O que fica evidente é a forma equivocada como esses valores foram passados a elas, fazendo com que registrassem essa atitude preconceituosa.

Pessoas criadas em cima de valores falsos e truncados sobre determinados assuntos, como é o caso da sexualidade, especialmente no que diz respeito às suas manifestações entre as minorias sexuais, formam juízos carregados de sentimentos negativos.

Quando se trata de relacionamentos escandalosos, como foi evidenciado por 22,85% das entrevistadas, nota-se o despreparo da sociedade para esses tipos de atitudes. Simplesmente condenam, pois atos como esses escandalizam as pessoas, o que não contribui para minimizar o preconceito, denegrindo a moral do grupo. Mas o fato do gay ou da lésbica ostentar sua sexualidade, demonstrando afeto em público, ou de usar acessórios com símbolos gays, numa sociedade que julga que todas as pessoas são heterossexuais, assumir-se é a maneira encontrada para revelar sua orientação sexual, sendo por elas considerada uma forma de evitar a invisibilidade social. No entanto, ao assumirem publicamente, a sociedade passa a sofrer o que Costa (1994) evidencia como homofobia, caracterizada pelo medo da aproximação com o outro, quase como se a homossexualidade fosse considerada contagiante.

Várias entrevistadas, cerca de 5,71%, relataram o sentimento de desconforto, quando estão em companhia de parentes e encontram-se com outras pessoas da mesma orientação

homossexual. Esta pode ser uma preocupação muito real, especialmente para famílias que se consideram parte de uma comunidade muito unida ou em regiões em que as religiões fundamentalistas são muito fortes.

Cerca de 18,55% das entrevistadas não apontam qualquer desconforto ao se depararem com situações como a acima. A população focalizada alegou ser uma situação normal. Com base nesses dados, pode-se entender que se trata de pessoas que não costumam taxar ou estereotipar indivíduos que resolveram assumir sua sexualidade publicamente. Somente não fazem o mesmo por motivos já evidenciados anteriormente.

O desconforto também não foi evidenciado por 11,42% da população analisada, justificando que tal sentimento não existe, devido ao fato de não discriminarem nem fazerem comentários alheios. Atitudes como esta vêm de pessoas que têm uma vida particular totalmente resolvida, não parecem possuir traumas ou culpas pela identidade sexual. São simplesmente felizes, como afirmam as entrevistadas, e não condenam os comportamentos de pessoas de seu meio.

Por praticarem ou viverem do mesmo modo, embora não em público, 7,14% da população analisada não sentem qualquer desconforto. Mas pode-se inferir certa dose de preconceito nesta resposta, tendo em vista o fato de não demonstrarem em público sua opção.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando-se por base os resultados apresentados nos depoimentos das entrevistadas, no que tange aos parâmetros relacionados com a percepção do preconceito sobre o lesbianismo, durante a vivência de atividades no âmbito do lazer, constatou-se que a não-percepção da discriminação pelas entrevistadas está, efetivamente, relacionada ao fato de que estas

não assumem sua homossexualidade publicamente. Conseqüentemente, em função de todos os motivos extremamente relevantes, que justificam o fato de não assumirem publicamente a orientação sexual, fica patente a tendência preconceituosa, partindo, a princípio, da própria lésbica.

A sociedade ainda se encontra bastante desinformada a respeito das questões que envolvem a homossexualidade, devido esse tema ser encarado com certo distanciamento e com uma falsa tolerância, em todas as instituições sociais.

O medo da exclusão social, como foi evidenciado pelas entrevistadas, pode, muitas vezes, partir de dentro de casa, da própria família e remete à carência do país em termos de acesso à educação, à cultura e à divulgação de reflexões sobre esses assuntos.

Cabe ao próprio homossexual conscientizar-se e lutar contra as barreiras preconceituais, freqüentemente impostas por ele mesmo, para colaborar no sentido da minimização dos estigmas.

É importante que esses temas sejam discutidos com maior naturalidade e que, nessas discussões, as possibilidades de reflexões sejam ampliadas, utilizando-se, para isso, do poder do profissional envolvido no contexto do lazer, por tratar-se de mais um elemento primordial no processo de formação de opiniões e na disseminação de posturas éticas, no que se refere ao processo de inclusão nas atividades de lazer, as quais envolvem passagens de valores e atitudes.

Torna-se premente a abertura de novos caminhos que conduzam a mudanças de valores em todos os âmbitos, especialmente quanto às leis vigentes, que necessitam ser mais atualizadas e eficazes, e ao papel da educação, favorecendo mudanças axiológicas que respaldem a formação de indivíduos críticos e construtivos.

---

## ETHICS VS. PREJUDICE: A CHALLENGE FOR PROFESSIONALS IN LEISURE AREA

### ABSTRACT

This qualitative research investigated the perception of prejudice against lesbianism in leisure activities, the motives for such individuals not to make public their sexual orientation and the leisure professional role as ethic posture disseminator during the inclusion process in leisure activities. A sample of 70 lesbians was interviewed via Internet and the data showed the existence of prejudice, fear of loosing social and familiar status and the professional fundamental participation for changing values in the inclusion process.

**Key words:** ethics, prejudice, homosexuality, leisure.

---

## REFERÊNCIAS

- BERESFORD, H. **A ética e a moral social através do esporte**. Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1994.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Tecnoprint, 1988. Art. 1º, Inciso III.
- COSTA, R. P. **Os onze sexos**. São Paulo: Gente, 1994.
- DEMO, P. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995. 180p.
- GOFFMAN, E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- KUENZER, A. Z. A formação dos profissionais da Educação: proposta de diretrizes curriculares nacionais. **Educação Brasileira**. CRUB, Brasília, v. 21, n. 42, p. 145-167, jan./jun. 1999.
- KULLOK, M. G. B. **As exigências da formação do professor na atualidade**. Maceió: EDUTAL, 2000. 56 p.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer: formação e atuação profissional**. Campinas: Papirus, 1995.
- OLIVEIRA, E. M. **Educação ambiental, uma possível abordagem**. Brasília: Ed. IBAMA, 2000, 150 p.
- PINSKY, J. **Brasileiro (a) é assim mesmo: cidadania e preconceito**. São Paulo: Contexto, 1993.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.
- RODRIGUES, C. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994. 72 p.
- RUBIN, I. ; KIRKENDALL, L. A. **Sexo e adolescência. Novas orientações para o ensino da juventude**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- SANCHEZ-VAZQUEZ. **A ética: professores de enfermagem e a dimensão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- SILVA, M.A. P. D. **As representações sociais dos ética: uma tentativa de articulação**. 1995. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.
- SILVA, R. L. ; SCHWARTZ, G. M. **Gênero, discriminação, homossexualidade feminina e lazer**. 2000. Monografia (Graduação) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.
- SILVA, R. L. **Lesbianismo, preconceito e as questões do lazer**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA E SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2, 8, 2001, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Motriz, 2001, v. 7, n. 1. p. 124.
- SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- WRIGHTSMAN, L. S. ; DEAUX, K. **Social Psychology in the 80s**. Monterey: Brooks/Cole, 1981.
- WERNECK, C. L. G. **Lazer e Formação Profissional na Sociedade Atual: Repensando os Limites, os Horizontes e os Desafios para a Área**. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 47-65, 1998.

*Recebido em 24/07/01*

*Revisado em 10/08/01*

*Aceito em 17/08/01*

---

**Endereço para correspondência:** Renata Laudares Silva e Gisele Maria Schwartz. LEL–Laboratório de Estudos do lazer. DEF–IB, Unesp/RC. Av. 24 A, n. 1515, Bela Vista, Rio Claro, SP. Cep: 13.506-900. E-mail: rlsilva@rc.unesp.br ou schwartz@rc.unesp.br